

DA MORTE OU O ENTRAR NA ESCRITURA

Enunciação em Barthes e Benveniste

Carolina Molinar Bellocchio¹

RESUMO: Este artigo objetiva tecer uma relação entre o questionamento da autoria barthesiano e a manipulação da noção de enunciação de Émile Benveniste. Considera-se que exista um eco entre ambas as noções e que Barthes se valeu da destruição linguística do sujeito para repensar a figura do autor na escritura.

PALAVRAS-CHAVE: Barthes, Benveniste, escritura enunciação, morte, autor.

ABSTRACT: This paper aims at discussing the relationship between Roland Barthes' questioning of authorship and Émile Benveniste's enunciation concept. In this article, we consider that there is an echo between the two ideas and that Barthes has grounded his discussion of authorship on the linguistic destruction of the subject to revalidate the image of the author in writing.

KEYWORDS: Barthes, Benveniste, writing, enunciation, death, author.

“A voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa.” (BARTHES, 2012, p. 58)

Na Aula Inaugural da cadeira de Semiologia Literária no *Collège de France*, Roland Barthes evoca algumas das figuras que o macularam (vale aqui a metáfora do sujeito “incerto” e “impuro”). Michelet, Jean Baruzi, Paul Valéry, Maurice Merleau-Ponty, Émile Benveniste e Michel Foucault; elas não figuram logo na abertura da aula em vão. Ora, invocar esses signos é quase como tomá-los como padrinhos de um trajeto, afiliar-se teórica e esteticamente a seus projetos, caminhos e anseios. Afinal, como afirma o próprio Barthes, trata-se da alegria do reencontro que essa casa de saber abriga entre a lembrança ou a presença dos autores que ele ama e que lecionaram na Instituição. É, também, pelo viés do encontro que este texto pretende articular como os estudos de um autor mencionado por Barthes, Émile Benveniste, se cruzam com a trajetória intelectual, ou melhor, escritural de Barthes. Pretende-se, pois, pensar como a noção de enunciação ajuda a conformar os aspectos relacionados à questão da autoria.

Toma-se a fala da Aula Inaugural porque ela parece precisar e demarcar as opções estéticas e filosóficas eleitas por ele quase ao fim de sua vida, momento em que, também devido às circunstâncias de sua iniciação no *Collège*, demandam um discurso permeado pelas experiências e caminhos teóricos escolhidos, além da proposição de um novo projeto de pesquisa que deverá ser desenvolvido adiante – o da *Vita Nova*². Considera-se este texto (esta Aula), portanto, como uma revisão do que fora experienciado e uma apreciação de um novo ponto de partida. Retomando a metáfora da espiral³ que impregna o trajeto barthesiano, pode-se pensar que este texto se configura como um retorno na diferença no pensar de Barthes.

Outra alegria o toma de assalto nesse dia, que é a condição de se colocar *fora do poder*. Ser membro de uma Instituição tal como o *Collège* o coloca nessa posição ex-cêntrica, porque sua pesquisa poderá se

¹ Doutoranda do Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da FFLCH-USP; membro do grupo de pesquisa Criação e Crítica. Contato: carolinamolinar@usp.br

² Projeto de romance aventado por Barthes quando de sua morte, do qual se tem alguns manuscritos, inspirado em Pascal, Mallarmé, Tolstói e Proust, que deveria se configurar como uma obra total e absoluta e que encerra seu desejo de uma vida nova (PINO, 2013, p. 12).

³ Philippe Roger se vale da imagem da espiral para pensar a trajetória intelectual e escritural do autor, que se caracteriza pelo deslocamento contínuo de questões sempre presentes, como a escritura, por exemplo (ROGER, 1986, p. 63).

colocar em um espaço à margem de toda a centralização e fechamento dos poderes. Isto significa, em seus termos, poder “sonhar alto sua pesquisa” (BARTHES, 1996, p. 9) em um lugar em que o saber não precisa “as-sujeitar-se”, ser submetido e constrangido a um saber prévio e autoritário. Ser dono dessa cátedra representa reavaliar constantemente o funcionamento de aprisionamento a que os discursos e as instituições de poder a todo tempo tentam se “agarrar” (BARTHES, 1996, p. 10).

E é sobre o poder, aliás, que grande parte de sua fala versa. O poder das vozes autorizadas e dos discursos da arrogância, aqueles que engendram o erro e recorrência no mesmo. Poder, esse, que se inscreve em um “organismo trans-social” que é a língua. Fugir do fechamento que a fala gregária induz seria papel da literatura. Ora, é, conforme Barthes, na trapaça e no jogo dos signos que esse poder deve ser subvertido, uma vez que é na reavaliação e na constante ventilação do discurso que a língua se faz nova e que se pode pensar a literatura:

Entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela viso portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo de palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto. As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um ‘senhor’ entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua. (BARTHES, 1996, p. 16)

O deslocamento da língua pela língua e a ênfase no aflorar dessa mesma língua enquanto jogo de significantes é a possibilidade que se coloca frente ao fechamento de sentido que os discursos autorizados operam. Conforme Barthes, outro ponto que concorre para o fechamento de significado da obra é a subjugação do sentido à questão do autor enquanto pessoa civil, como sendo fonte de origem e de resposta da escritura. Nessa perspectiva, a autoridade do autor enquanto pessoa civil não deveria delimitar a amplitude de leituras possíveis do texto. É apenas no trabalho de deslocamento da língua que aquele que escreve pode trapacear a língua e “entrar na escritura”. Operando como portador de um discurso fechado sobre a obra, a imagem do escritor enquanto pessoa empírica implica apenas no aprisionamento do sentido e, portanto, na conformação de um discurso de autoridade e, conseqüentemente, de poder.

Em se tratando de linguagem, pensar a fronteira entre as ciências e as letras ajuda a compreender o espaço em que a literatura se inscreve. Conforme Barthes, enquanto o discurso da ciência é um enunciado, devido a seu caráter fechado, o discurso literário, a escritura, é compreendido enquanto enunciação. Ora, para a ciência o enunciador não importa, sendo sua ausência quase que condição para a produção do discurso científico; na escritura, por sua vez, o lugar de fala importa e a presença do enunciador é fundamental, pois a enunciação implica o próprio lugar e a energia do sujeito que se inscreve na língua por meio de uma gama de efeitos e de jogos (BARTHES, 1996, p. 19). Assim, ainda em 1977, momento em que a aula foi proferida, pode-se identificar a importância que Barthes confere à noção de enunciação para pensar a escritura. No entanto, a preocupação com a questão da enunciação surge tempos atrás, bem antes do ano de 77.

No momento em que a euforia da estrutura *en-forma* a escritura de Barthes, as leituras de outros teóricos dessa mesma linha orientam o espaço de trocas e diálogos intelectuais, tendo ele lido Saussure,

Brondal, Greimas, Jakobson, Hjelmslev, Chomsky, Propp, Erlich e Todorov (GIL, 2012, p. 249). No entanto, mais adiante, o linguista que Barthes assume mais ter lido foi Émile Benveniste⁴ (GIL, 2012, p. 249). A respeito da escrita deste, Barthes afirma que ela é escritura, porque “se desloca para outra coisa” (GIL, 2012, p. 276). Ela se diferencia da escrita objetiva, referencial e notadamente científica dos outros linguistas. Se como foi afirmado acima para Barthes “a linguística é a ciência do enunciado, não da enunciação (à exceção do trabalho de Benveniste)” (GIL, 2012, p. 349), como pensar tal proposição? Ora, pode-se considerar que Barthes reconhece, no trabalho de Benveniste, o colocar-se de um sujeito no seu próprio discurso, a inserção de uma voz que agencia e constrói sua fala e a reorganiza em um espaço de movência e de produtividade do texto. Em artigo endereçado a Benveniste, *por que gosto de Benveniste* (BARTHES, 2012), Barthes não hesita em expor toda a importância de sua figura, de sua obra e assinala o espaço intervalar que a obra do linguista se coloca:

Os livros de saber, de pesquisa, têm também o seu ‘estilo’. Esse é de grande classe. Há uma beleza, uma experiência do intelecto, que dá à obra de certos cientistas essa espécie de *clareza inesgotável* de que também são feitas as obras literárias. Tudo é claro no livro de Benveniste, tudo nele pode imediatamente ser reconhecido como verdade; e, no entanto, tudo também nele não faz mais do que recomeçar. (BARTHES, 2012, p. 210)

O saber com estilo, termo este caro ao vocabulário barthesiano, concorre para a inserção do trabalho de Benveniste no campo das “grandes obras literárias”. Isso parece se dever à coragem e à profundidade das contribuições a respeito da noção de pessoa, como se vê abaixo:

Essa coragem se reforça com uma visão profunda. Benveniste – e aí está seu êxito – toma a linguagem nesse nível decisivo em que, sem deixar de ser plenamente linguagem, recolhe tudo aquilo que estávamos habituados a considerar exterior ou anterior a ela. Vejam três contribuições das mais importantes: uma sobre a voz média dos verbos indo-europeus, a segunda sobre a estrutura dos pronomes pessoais, a terceira sobre o sistema dos tempos em francês; as três tratam diversamente de uma noção capital em psicologia: a de pessoa. Ora, Benveniste consegue, magistralmente, *arraigar* essa noção numa descrição puramente linguística. De modo geral, ao colocar o sujeito (no sentido filosófico do termo) no centro das grandes categorias da linguagem, ao mostrar, ao ensejo de fatos muito diversos, que o sujeito jamais pode distinguir-se de uma ‘instância do discurso’, diferente da instância da realidade, Benveniste funda linguisticamente, quer dizer, cientificamente, a identidade do sujeito e da linguagem, posição que está no cerne de muitas pesquisas atuais e que interessa tanto à filosofia quanto à literatura; tais análises indicam, talvez, a saída para uma velha antinomia, mal liquidada: a do subjetivo com o objetivo, do indivíduo com a sociedade, da ciência com o discurso. (BARTHES, 2012, p. 209-210)

Nesse trecho pode-se identificar como os estudos a respeito da noção de pessoa se revelam importantes para Barthes. Situando-a linguisticamente, para este autor, tal noção sinaliza a solução de uma velha questão que mobilizava tanto a psicologia quanto a filosofia e a literatura: não mais fora/dentro, subjetiva/objetivamente, o sujeito só pode ser pensado dentro de uma instância de discurso, na linguagem,

⁴ Sabe-se que Barthes leu e releu todo o Benveniste, inclusive ele reformulou a sua noção de semiologia a partir da noção semântica e não mais semiótica, como havia feito em *Elementos de semiologia* (PINO, 2013, p. 94).

pela linguagem. Ecos desse achado que fascinou Barthes podem ser identificados em “A morte do autor”, texto de 1968. Tentando assinalar a necessidade de desvincular o texto literário de uma voz de autoridade que não apenas garante, mas principalmente legitima a leitura e a enclausura em uma única possibilidade, a destruição do eu “pessoal” que a linguística da enunciação promoveu possibilitou o arremate dessa implosão na literatura: “a linguagem conhece um sujeito, não uma pessoa, e esse sujeito, vazio fora da própria enunciação que o define, basta para fazer suportar a linguagem, quer dizer, para a exauri-la.” (BARTHES, 2012, p. 60) É por essa via, portanto, que mais uma das voltas da espiral que configura a escritura, imagem tomada de Vico (ROGER, 1986, p. 63), que Barthes opera nesse texto:

O Autor, quando se acredita nele, é sempre concebido como o passado do seu próprio livro: o livro e o autor colocam-se a si próprios numa mesma linha, distribuída como um antes e um depois: supõe-se que o Autor alimenta o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive com ele; tem com ele a mesma relação de antecedência que um pai mantém com o seu filho. Exatamente ao contrário, o *scriptor* moderno nasce ao mesmo tempo que o seu texto; não está de modo algum provido de um ser que precederia ou excederia a sua escrita, não é de modo algum o sujeito de que o seu livro seria o predicado; não existe outro tempo para além do da *enunciação*, e todo o texto é escrito eternamente aqui e agora. (BARTHES, 2012, p. 61)

Apesar de toda polêmica que este texto encerra a respeito de questões que remontam à autoria e que reverberam ainda hoje, as proposições barthesianas, se analisadas à luz da profundidade das noções de enunciação, trazem produtividade para o texto literário. Ora, nessa ótica, o texto não tem um antes⁵ e um depois, não é um sujeito o qual se pode predicar, substância que pode ser ornamentada. Ele se faz na linguagem, à medida que é operado. Como se viu, essa mesma ideia permanece na Aula Inaugural. Ali, Barthes continua pensando a escritura como um espaço em que a identidade do autor enquanto pessoa civil não agrega nada ao texto. A energia da enunciação é que garante essa vitalidade e a explosão de sentidos que o texto pode abrigar. E é, aliás, na noção de enunciação que Benveniste forja que Barthes afirma ter encontrado a maneira de pensar essa morte do autor:

Finalmente, fora da própria literatura (a bem dizer tais distinções se tornam superadas), a linguística acaba de fornecer para a destruição do Autor um instrumento analítico precioso, mostrando que a enunciação em seu todo é um processo vazio que funciona perfeitamente sem que seja necessário preenchê-lo com a pessoa dos interlocutores: linguisticamente, o autor nunca é mais do que aquele que escreve, assim como ‘eu’ outra coisa não é senão aquele que diz eu: a linguagem conhece um “sujeito”, não uma “pessoa”, e, esse sujeito, vazio fora da própria enunciação que o define, basta para fazer “sustentar” a linguagem, quer dizer, para exauri-la. (BARTHES, 2012, p. 60)

⁵ Em diversos outros momentos de *Crítica e Verdade* (2007), são encontradas passagens que assinalam a impossibilidade de se pensar em um antes e um depois da escritura, à maneira mesma em que se pode pensar na impossibilidade apontada por Benveniste, já apresentada neste texto, de conceber a língua antes da enunciação. Ora, a escritura só se pode ser pensada na própria escritura, assim como a língua na própria enunciação. Seguem alguns trechos: “Em literatura não existe o *rewriting*, porque o escritor não dispõe de uma antelinguagem na qual ele poderia escolher a expressão entre um certo número de códigos homologados [...]”; “Existo pois antes de minha linguagem?; Quem seria esse eu, proprietário precisamente daquilo que o faz existir?; Como posso viver minha linguagem como um simples atributo de minha pessoa?; Como acreditar que, se falo, é porque existo? Fora da literatura é talvez possível cultivar essas ilusões, mas a literatura é precisamente o que não o permite.”; “O crítico não deforma a linguagem (objeto) para se exprimir nele> não faz dele o predicado de sua própria pessoa; reproduz, uma vez mais, o signo destacado e variado, das próprias obras, cuja mensagem, infinitamente rebatida, não é tal ‘subjetividade’, mas a própria confusão do sujeito e da linguagem, de modo que a crítica e a obra dizem sempre: *eu sou literatura*, [...]” (BARTHES, 2007, p. 202)

Para adentrar a questão, torna-se necessário investigar, ainda que brevemente, como Benveniste pensa a enunciação. Ora, é retomando as proposições de Saussure, mas particularizando-as e conferindo a elas algo de sua própria reflexão sobre a linguagem. Tendo Saussure definido a língua como sistema de signos, Benveniste se arroga a tarefa de ultrapassar a noção do signo como princípio único passando dos signos à fala, à enunciação. Para atingir o domínio semântico, Benveniste propõe “um aparelho novo de conceitos e definições” que dê conta da enunciação e do universo do discurso. Compreender como o signo pode passar à fala é, portanto, a proposição que Benveniste lança ao final desse artigo datado de 1969 e tarefa que vai realizar no artigo “O aparelho formal da enunciação”, publicado em março de 1970.

O intervalo da publicação desses artigos, no entanto, não pode ser tomado apenas como fato temporal desimportante⁶. Os manuscritos desse último artigo apontam questões importantes a serem consideradas no âmbito da discussão que este texto pretende se inserir, a saber, o espaço de trocas, apropriações, incorporações, demandas de delimitação/explicitação de noções teóricas entre os autores que parecem travar uma rede de diálogos e deslocamentos, quais sejam, Émile Benveniste e Roland Barthes. De maneira específica, essa discussão se vale de duas noções que circulam não só no vocabulário teórico desses autores, mas que constituíram verdadeiros projetos intelectuais dos mesmos. Em outras palavras, o que interessa, para além da nomenclatura, é o espaço de mobilização de noções fundantes em suas obras em relação à enunciação e à escritura.

Tal noção, como se tentou demonstrar acima, estaria ligada pela articulação que Benveniste operou entre a ciência geral dos signos, a semiologia, e os desdobramentos de seus próprios estudos, a enunciação. Nessa semiologia de “segunda geração” (BENVENISTE, 2006, p. 67), o objetivo era compreender os aspectos envolvidos no pôr em funcionamento pelo falante da língua, ou seja, como o ato individual de utilização da língua é operado pelo sujeito. A ênfase dada ao sujeito é fundamental, uma vez que é o locutor aquele que instaura a possibilidade da enunciação. Ora, “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” (BENVENISTE, 2006, p. 83). É quando o locutor se apropria do aparelho formal da língua, atualizando-o em sua própria enunciação, se colocando como sujeito de sua própria fala e constituindo pelo discurso a alteridade necessária (a emergência dos índices de pessoa *eu-tu*) para a alocação é que a língua realmente se dá a ver. A existência de um sujeito na linguagem e a postulação, ainda que virtual, do outro são os elementos que fazem da possibilidade a efetiva realização linguística.

As notas e os manuscritos desse texto, analisados detidamente por Irène Fenoglio (2011), assinalam o processo de escrita do artigo e dão a ver o movimento de trabalho que constitui a gênese não apenas textual, mas a constituição mesma da noção de enunciação. Diversos materiais, versos de cartas, folhas de caderno, etc., funcionam como suporte dessa *mise-en-forme* de sua teorização. Fenoglio aponta a movência dos termos que Benveniste vai testando durante sua escrita para precisá-los, afiar as definições, delimitar o espaço de sua argumentação. Esse processo, ela o nomeia de *écriture ruminante*, imagem que evoca o caráter refletido, repensado, revisto do ato de escrever. Entre *énonciation*, *parole*, *discours*, *production*, *acte*, *réalisation*, *création*, observa-se a progressão do pensamento e a conceitualização que caminham *na e pela* escrita:

La réponse a été trouvée pendant l'inscription des notes, il s'agit désormais d'écrire pour théoriser. Le passage génétique le plus intéressant est ainsi le passage entre notes et brouillon. Comme si, après les notes ou plus exactement dans la reprise rédactionnelle des notes,

⁶ Esse intervalo, aliás, deve ser considerado de modo ainda mais amplo, considerando-se não apenas a distância entre a publicação oficial deste artigo em 1969, mas ainda momentos anteriores a sua publicação, de maneira mais específica, setembro de 1968, momento em que Benveniste é requisitado por Todorov a precisar a sua noção de enunciação, discurso. A discussão a esse respeito será retomada adiante.

tout s'écrivait à la fois synthétiquement et progressivement: l'avancée conceptuelle a lieu dans l'écriture. (FENOGLIO, 2011, p. 298)

Tal movimento parece ser homólogo à apropriação mesma que o locutor realiza quando da enunciação: apropriando-se de um sistema, mobilizando-o, testando-o na posição daquele que atualiza um discurso e imprime suas próprias matizes a essa língua da criação intelectual. À maneira mesma de uma alocução que em que os índices *eu* e *tu* se alternam para juntos delimitarem o sentido, Benveniste opera tal diálogo – como monólogo interior – no processo de ruminação de seu texto.

Essa noção de apropriação ainda pode ser estendida no sentido de que tal discurso se realiza a partir de uma demanda do Outro, exatamente como diálogo, uma vez que é um alocutário, Tzvetan Todorov, que solicita a Benveniste a redação de um artigo⁷ (FENOGLIO, 2011, p. 275) para discorrer a respeito da noção de enunciação em 30 de setembro de 1968. Em carta seguinte (6 de outubro de 1968), fica clara a resposta de Todorov a um esclarecimento solicitado por Benveniste a respeito da explicitação daquela noção. Todorov lhe escreve⁸ e parece participar do processo de delimitação/construção das noções, como quase que elaborando e trabalhando em conjunto com o linguista.

Em carta quase do momento final do processo de demanda/entrega do artigo, em Outubro de 1969, pouco anterior à publicação do mesmo na revista *Langages*, Todorov continua a troca de cartas falando de sua admiração pelo modo magistral com que Benveniste coloca os problemas da enunciação⁹. Fica evidente assim como a precisão oriunda do processo de trabalho inesgotável de Benveniste sobre a língua é inerente à própria delimitação linguística, textual e nocional que constitui tal processo e como a interação com Todorov de certa forma constitui o movimento de reflexão-construção do texto. Assim, nesse espaço em que se instaura o *eu* e o *tu*, o locutor e o alocutário, cada qual se colocando como protagonista da enunciação quando da interação, pode-se homologamente pensar que a leitura e a escrita também operam nessa mesma frequência, especialmente na área das ciências humanas:

Il est possible, par ailleurs, qu'on trouve là une caractéristique de la genèse de l'écriture en sciences humaines: il est visible que l'écriture d'un article ou d'un essai part souvent d'échanges de réflexions, d'échanges conceptuels par lectures interposées ou discussion de personnes. L'impact des travaux d'un chercheur, leur circulation et discussion entraînent, en retour, une demande toujours plus importante et, la plupart du temps, toujours plus avancée de la part des lecteurs. Le savoir, en sciences humaines se construit dans ce passage permanent, entre lecture, appropriation et demande d'avancées et de précisions. (FENOGLIO, 2011, p. 275)

⁷ Fenoglio traz a passagem em que Tzvetan Todorov solicita a Benveniste uma colaboração para a Revista *Langages*, a qual ele editaria um número a respeito da enunciação e que é reproduzida a seguir: "Je suis chargé par le comité de rédaction de la revue *Langages* d'éditer un numéro sur l'étude de l'énonciation. J'ai proposé ce thème en pensant particulièrement aux travaux que vous lui avez consacrés et dans la perspective que vous avez tracée. Je souhaite vivement que vous puissiez collaborer à ce numéro; plus même, il ne se justifie que si vous pouvez nous accorder cette collaboration. La raison en est double: vous savez d'une part l'admiration que je porte à vos travaux; d'autre part, vous êtes littéralement celui qui a introduit ce thème dans la linguistique contemporaine" (Pap. Or. 53, Env. 223, f° 134). (FENOGLIO, 2011, p. 273)

⁸ "Il faut d'abord poser la distinction entre la langue comme système formel de signes et le discours comme acte individuel d'utilisation de la langue. Je préfère cependant le terme d'énonciation à celui de discours, car ce dernier peut également devenir le synonyme d'énoncé (par ex. 'le discours politique', 'tenir un discours'). Énonciation s'oppose donc: a) à langue et b) à énoncé; mais non à réception (n'est pas la lettre de Todorov à Benveniste du 6 octobre synonyme d'émission); le procès d'énonciation englobe l'émission, la transmission, la réception, l'émetteur, le récepteur, le contexte. Cet acte individuel d'utilisation ne peut être comparé à celui de l'utilisation d'un instrument quelconque, car la langue subit des transformations au moment de l'énonciation. Une série de signes particuliers, à caractère indiciel plutôt que symbolique, ne reçoivent un sens que dans le procès d'énonciation. Ainsi de certains pronoms (le problème de la deixis), adverbes, temps du verbe, modes (vocatif, impératif). La description de leur fonctionnement constitue le premier pas dans l'étude de l'énonciation (Pap. Or. 53, Env. 223, f° 135)". (FENOGLIO, 2011, p. 274).

⁹ "Permettez-moi de vous dire combien j'ai admiré la manière magistrale dont vous posez les problèmes de l'énonciation. Mon seul regret est que vous ne consacriez à ces questions beaucoup plus de pages – un livre que vous êtes le seul capable à écrire. Votre texte rend d'ailleurs presque inutile l'introduction que je voulais écrire. [...]" (Pap. Or. 63, Env. 266, f° 58). (FENOGLIO, 2011, p. 274)

Considerando esse espaço de recepção e circulação que instaura a troca e a criação, no âmbito intelectual e também no âmbito da escrita, Roland Barthes se coloca nesse campo de retomada, discussão e mesmo de revisão de proposições anteriores. Barthes se coloca na linha de Saussure (GIL, 2012, p. 246), teórico que afirma ter conhecimento a partir de 1956 e que impulsionou um certo entusiasmo em direção ao momento científico de sua vida. Esse sonho eufórico de cientificidade se materializa em duas obras, *Elementos de semiologia* e *Sistema da Moda*, a primeira, fruto de seminários que realiza na *École Pratique d'Hautes Études* e a segunda, tese redigida por longos anos, que são marcadas pelo fascínio pelo estruturalismo e pela ilusão de construir uma ciência semiológica, mesmo que desdizendo-a no futuro.

Assim, mesmo acusado de sustentar um discurso marcado pelo jargão e pela frieza (MARTY, 2009, p. 143), como o acusaram seus oponentes a esta altura da pesquisa estruturalista, em diversos momentos de *Elementos de Semiologia* encontram-se passagens arrematadas com um tom metafórico e uma escrita que não é propriamente característica do discurso científico. Ele faz referência ao jogo (BARTHES, 2001, p. 22) e como afirma Marty, Barthes compreende a estrutura, palavra-chave desse momento, como espaço ideal do jogo e do brincar (MARTY, 2009, p. 143). Qualificando-o como um “estruturalista feliz”, o discípulo de Barthes continua dizendo que o momento semiológico foi uma pesquisa curiosa realizada com prazer (MARTY, 2009, p. 146). Para Gil, também o momento estruturalista concorreu para dar sustentáculo à escritura barthesiana (GIL, 2012, p. 249), que diz o seu estruturalismo não ser “uma ruptura com a literatura, mas um lugar de atingir a escritura literária” (GIL, 2012, p. 272), pois é algo que permite a Barthes ver que a ciência não é a busca da verdade, mas uma oportunidade de reorientar seu pensamento em direção a uma busca de outra forma, a da escritura.

Antes de “A morte do autor”, entretanto, Barthes já sinaliza para compreensão da escritura ligada a *um fazer* que não se desassocia de um *como fazer*. Ele diz:

Pois escrever é já organizar o mundo, é já pensar (aprender uma língua é aprender como se pensa nessa língua). [...] é com efeito possível “reduzir” uma linguagem suprimindo o sistema que a constitui, isto é, as ligações que fazem os sentidos das palavras: pode-se então “traduzir” qualquer coisa em bom francês de Chrysale: por que não reduzir o “superego” freudiano à “consciência moral” da psicologia clássica? Como? É somente isso? Sim, se se suprime todo o resto. (BARTHES, 2007, p. 202)

Assinalando, pois, que a escritura se coloca justamente no espaço de organizar o mundo/organizar a língua, um movimento apenas, Barthes aponta para a impossibilidade de redução, de paráfrase e de supressão da língua na escritura. A escritura só pode ser idêntica a ela mesma, presença, diferença.

Em outra volta da espiral barthesiana, outro momento escritural, Marie Gil aponta como em o *Império dos signos*, de 1970, a escritura se coloca como idioleto pessoal (GIL, 2012, p. 30). Não mais se identifica ali o fascínio pela língua saussureana, sistemática, mas é a língua encarnada e fônica, corporal, que interessa. Mesmo que se perceba o uso do termo idioleto, marcadamente linguístico, a nuance de inscrição de um sujeito na língua é mais forte. Assim, as demandas de uma voz que se coloca como presença e que se constitui na enunciação são notáveis. O traço (e o encanto pelo traço japonês reside justamente aí) é a um tempo só a realização de um sujeito e de um corpo, é a materialização da escritura. Nesse sentido, a preocupação com a materialidade encaminha toda a atenção para o significante e é por ele que a paixão desponta vultuosa.

As demandas do desejo recaem na materialidade do Significante, do Texto, e matizam esse momento. Operando por vias do significante e não do significado, Barthes se interessa por um espaço de

produtividade textual que cada vez mais bane o aprisionamento do Texto. É nesse sentido que ele nega qualquer definição que remonte ao fechamento do sentido, ao dizer que o Texto “não é um produto estético”, mas “prática significante”, “não é estrutura”, mas é “estruturação”, “não é objeto”, mas “trabalho” e “jogo”, “não é conjunto de signos fechados”, mas de “volume de marcas de deslocamento” (BARTHES, 2001, p. XVI). O recaimento no aspecto movente do Texto de que fala Barthes aqui se inscreve no espaço da dispersão tanto da linguagem quanto da noção de sujeito, como se vê no trecho final: “A escrita é precisamente esse espaço em que as pessoas da gramática e as origens do discurso se misturam, se emaranham, se perdem até o indistinguível: a escrita é a verdade, não da pessoa (do autor), mas da linguagem.” (BARTHES, 2001, p. XVIII). Nessa passagem, pois, muito parece ecoar do fascínio operado pela linguística da enunciação da destruição da noção de pessoa desatrelada à linguagem. A própria noção de espaço em que se promove o encontro reforça o aspecto de produtividade que se acentuou acima; a escritura é lugar de prática, de estruturação, de abertura, pois o sujeito é sujeito de linguagem, constituído e dispersado na vertigem da mesma, perpassado pela abertura da enunciação, capaz de se dizer a todo momento.

Assim, é por essa dispersão que Barthes pode se dizer um “sujeito incerto” no início de sua Aula Inaugural do *Collège de France* em 1977. Sendo cada atributo seu combatido por seu oposto, o deslocamento torna-se a verdade de sua escritura (BARTHES, 1996, p. 7). O próprio nome escolhido por Barthes para a cadeira ocupada por ele no *Collège* já revela um de seus deslocamentos: Semiologia Literária. Não apenas o interesse pela semiologia ou pela literatura, mas pelo Texto, como anunciado em *A Aventura Semiológica*, espaço de mobilização do signo, de dispersão do Significante. A noção do semiótico para Benveniste pode ser identificada aqui, uma vez que Barthes aponta que é na língua que se inscreve o poder, a repetição. Ora, o signo é da ordem do semiótico, do reconhecimento, pois só existe “na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; o signo é seguidor, gregário; em cada signo dorme este monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se *arrasta* na língua.” (BARTHES, 1996, p. 15).

Para assinalar que é apenas a literatura que tem as armas para fugir do gregarismo, Barthes mais uma vez insiste no fato de que não há um anterior ou um fora à/da linguagem. A linguagem humana é condição do homem e apenas nela se entrevê a possibilidade de se considerar a vitória sobre o poder que enclausura a língua e sobre o estereótipo, pelo trabalho literário:

Infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado. Só se pode sair dela pelo preço do impossível: pela singularidade mística, tal como a descreve Kierkegaard, quando define o sacrifício de Abraão como um ato inédito, vazio de toda palavra, mesmo interior, erguido contra a generalidade, o gregarismo, a oralidade da linguagem; ou então pelo *amen* nietzschiano, que é como uma sacudida jubilatória dada ao servilismo da língua, àquilo que Deleuze chama de “capa reativa”. Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapaçar com a língua, trapaçar a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*. (BARTHES, 1996, p. 16)

O silêncio, a servilidade e a operação da trapaça são as opções a que se pode recorrer. No entanto, é apenas na prática da escritura, na revolução combinatória dos signos, no reorganizar e redimensionar da língua que se pode conceber a possibilidade efetiva de realização do sujeito na língua. Aí reside a força da literatura: na mobilização do semiótico através do jogo e da redistribuição dos signos em uma “maquinaria de linguagem” (BARTHES, 1996, p. 27) que faz remodelar a relação das coisas no mundo. Com a

célebre e quase icônica frase “Eis- nos diante da semiologia” (BARTHES, 1996, p. 28), Barthes aponta que é nesse espaço de desconstrução e de redistribuição incansável dos valores, dos sentidos, que se dá a ver a semiologia. Espaço em que se vislumbram os “desejos, os temores, as caras, as intimidações, as aproximações, as ternuras, os protestos, as desculpas, as agressões, as músicas de que é feita a língua ativa”. A ressonância pessoal – que Barthes não se cansa de assinalar¹⁰ – evidencia a materialidade, o envolvimento e a presença de um sujeito que se constitui na prática da língua, na manipulação da escritura.

Nesse sentido é que a semiologia se conjuga à escritura, ambas tentando operar o *despoder* pela e na língua. (BARTHES, 1996, p. 33). E esses campos do discurso só podem efetivamente trabalhar dessa forma a língua porque se colocam no espaço da enunciação. Ora, Barthes argumenta:

A enunciação (...), expondo o lugar e a energia do sujeito, quiçá sua falta (que não é sua ausência), visa o próprio real da linguagem; ela reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de redentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insituável, desconhecido e no entanto reconhecido segundo uma inquietante familiaridade: as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa. (BARTHES, 1996, p. 20)

Como enunciação, pois, é que a semiologia e a escritura se constituem e também reconhecem a sua própria atuação no campo dos discursos. Não se colocam como discurso fechado, regido pela autoridade e fatalmente preso a uma visão objetiva do homem e de seu mundo. Ao invés de tomar a língua apenas como instrumento para pensar referencialmente, a escritura trabalha os signos ao mesmo tempo em que redimensiona a lógica da língua. Como enunciação, pois, a escritura implica o “lugar e a energia do sujeito” – como também a sua falta – e nela e a partir dela se torna possível uma gama de relações que se instauram em relação a esse sujeito na língua. Finalmente, a referência às projeções, às explosões, às vibrações, às maquinarias e aos sabores acaba por ligar a escritura a uma demanda pessoal, material, em relação com o mundo e com a língua. Assim, a postulação da semiologia e da escritura como espaço da enunciação se constitui em um movimento que se volta sobre si mesmo, uma vez que o Texto mimetiza e subverte esse movimento.

A materialidade da *Aula* (1996) – signos, dois-pontos, parênteses, grifos, aspas, travessões, o branco da página, – areja, modaliza, espirala a escritura. Ela é a enunciação, atualização do sujeito na língua, encontro do sujeito na língua. O Texto, pois, é que dá a ver o encontro entre um sujeito que não precede a língua, que é puro vazio, e que nela se angula. Por este motivo é que se articulou o texto de forma que a *Aula Inaugural* o introduzisse; ora, identifica-se entre essa fala de Barthes de 1977 a mesma vontade de inscrever a escritura num espaço fora do poder, ex-cêntrica, sem origem e sentidos aprisionados que já se vislumbrava no texto “A morte do autor” (BARTHES, 2012), aliás, que era o aspecto central anunciado por esse texto.

Dessa maneira, portanto, os ecos de Benveniste são pressentidos nesse Texto assim como os deslocamentos de Barthes. Assim encontram-se as duas proposições a que este trabalho se propôs mobilizar: o encontro da enunciação e da escritura a partir da tessitura de uma rede leituras, trocas, revisões, redimensionamentos. Assim, o presente trabalho objetivou promover uma discussão transdisciplinar entre linguística e literatura e mobilizar leituras e relações que parecem se constituir no espaço de continuidade, do encontro e do diálogo. É importante destacar que não se pretendeu aqui fazer uma análise linear,

¹⁰ Em outras passagens do texto, Barthes (1996) reafirma o caráter pessoal da semiologia de que fala: “Sei o que tal definição tem de pessoal” (p. 31); “Ora, a semiologia, no que me concerne, partiu de um movimento propriamente passional” (p. 32); “A semiologia (minha semiologia, pelo menos)” (p. 32).

cronológica – embora em alguns momentos essa ordem tenha sido solicitada – mas uma mobilização de possíveis – porque coerentes – encontros. Pretendeu-se, pois, como leitora, subverter a lógica de filiação que Barthes parece ter aprendido com Kristeva (GIL, 2012, p. 300) e fazer da relação entre textos uma possível maneira de repensar a própria textualidade e o espaço da prática textual.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, R. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. *A Aventura Semiológica*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Crítica e Verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *Elementos de Semiologia*. Tradução de Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 2001.
- _____. *O Império dos Signos*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. A morte do autor. In: BARTHES, R. *O Rumor da Língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. Por que amo Benveniste. In : BARTHES, R. *O Rumor da Língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. Situation du linguiste. In : BARTHES, R. *Oeuvres complètes: Tome II*. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par Éric Marty. Paris : Éditions du Seuil, 2002.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- FENOGLIO, I. **Déplier l'écriture pensante pour re-lire l'article publié**. Les manuscrits de «L'appareil formel de l'énonciation» d'Émile Benveniste. In: BRUNET E. ; MAHRER R. *Relire Benveniste. Réceptions actuelles des problèmes de linguistique générale*. Paris: L'Harmattan, 2011.
- GIL, M. *Roland Barthes: Au lieu de la vie*. Paris: Flammarion, 2012.
- MARTY, E. *O ofício de escrever*. Tradução de Daniela Cerdeira. São Paulo: Difel, 2009.
- PINO, C. *Em busca de uma vida nova. O projeto de romance de Roland Barthes*. Tese de Livre-Docência, USP, São Paulo, 2013.
- ROGER, P. *Roland Barthes, roman*. Paris: Bernard Grasset, Éditions Grasset & Fasquelle, 1986.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 2013.

Recebido em: 15/02/2014 **Aceito em:** 23/04/2014

Referência eletrônica: BELLOCCHIO, Carolina Molinar. Da Morte ou o Entrar na Escritura: Enunciação em Barthes e Benveniste. Rev. Cria. Crít., São Paulo, n. 12, p.172-181, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mm aaaa.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i12p172-181>.